

A NEUTRALIZAÇÃO DE CARACTERÍSTICAS DIALETAIS DA FALA DE BELÉM/PA E DE RECIFE/PE EM NARRAÇÕES TELEJORNALÍSTICAS

The neutralization of dialectal features of the speech of Belém/PA and Recife/PE in telejournalistic narrations

SOUZA, Gisele Braga^{1*}
CONSTANTINI, Ana Carolina²

¹Universidade Estadual de Campinas

²Universidade Estadual de Campinas

Resumo: *O presente artigo tem por objetivo analisar a fala utilizada nos telejornais locais de Belém, capital do estado do Pará, e Recife, capital do estado de Pernambuco, de modo a verificar como ela se caracteriza. Para tal, foram coletadas amostras de fala de três repórteres nativas da capital paraense, assim como de três apresentadoras de telejornal e duas repórteres nativas da capital pernambucana, por meio de vídeos disponibilizados na internet, a fim de observar se as jornalistas utilizam os traços característicos de seus respectivos dialetos ou atendem a uma norma padrão da fala telejornalística. Parte-se da hipótese de que alguns desses traços são suavizados ou apagados como tentativa de regularizá-los ou normalizá-los e, assim, tentar seguir um padrão de pronúncia de formas mais prestigiadas no português brasileiro. Diante da realização da pesquisa, foram constatadas tentativas de neutralização dos traços característicos tanto na variedade falada em Belém quanto na variedade falada em Recife, a partir das falas das profissionais analisadas. Contudo, em Belém, tal suavização do dialeto não chega a ser predominante, já em Recife, a neutralização dos traços é bem mais frequente.*

Palavras-chave: *Fala telejornalística; Fonética; Fonoaudiologia; Neutralização de traços dialetais.*

Abstract: *The objective of this article is to analyze the speech used in the local news programs in Belém, capital of the state of Pará, and in Recife, capital of the state of Pernambuco, in order to verify how it is characterized. For this, speech samples were collected from three reporters native to the capital of Pará, as well as three news presenters and two reporters native to the capital of Pernambuco, using videos made available on the Internet to verify if they use the characteristics of their dialects or if they meet a standard norm of telejournalistic discourse. It starts from the hypothesis that some of these characteristics are smoothed or erased as an attempt to regularize or normalize them and thus try to follow a pattern of pronunciation of more prestigious forms in Brazilian Portuguese. From the realization of the research, attempts to neutralize the dialectal features of the speech of Belém and Recife were verified, based on the statements of the professionals analyzed. However, in Belém, the smoothing of the dialectal features doesn't come to be predominant, already in Recife the neutralization of the dialectal features is much more frequent.*

Keywords: *Speaks telejournalism; Phonetics; Speech therapy; Neutralization of dialectal features.*

1 Introdução

Sabe-se que as tentativas de se chegar a uma pronúncia padrão do português brasileiro são antigas. Desde 1938, quando foram publicadas as Normas para a “bôa pronúncia da língua nacional no canto erudito”, resultado das reuniões do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada de julho de 1937, há a preocupação com o estabelecimento de uma língua-padrão, com o objetivo de esta servir à causa da nacionalidade brasileira nas artes da linguagem e do canto (KAYAMA et al, 2007).

Já em 1956, realizou-se o Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro em Salvador, Bahia. Neste evento, não houve a mesma preocupação com o estabelecimento de uma língua-padrão. O professor Celso Cunha, Presidente Executivo do Congresso, menciona que por meio do rádio, da televisão e do cinema, o padrão culto tenderá a se propagar nacionalmente. Segundo Kayama et al (2007), ele sugere a possibilidade de adotar “uma média de falar equidistante de todos os padrões básicos regionais”, como ocorre com a pronúncia neutralizada

*Correspondência dirigida para: giselebraga18@gmail.com

do inglês dos Estados Unidos e outros países europeus por cantores, atores e telejornalistas quando estes estão em rede nacional.

Com frequência, o termo língua-padrão é relacionado ao termo norma-padrão, já que ambos carregam a ideia de estabelecer a unificação da língua por meio de sua padronização. Muitas vezes, tais termos são considerados como sinônimos de norma culta. Todavia, cabe aqui fazer as devidas distinções.

Para Faraco (2004), os grupos sociais se diferenciam pelas formas de língua que lhes são de uso comum. Tal uso comum caracteriza a chamada *norma linguística* de cada grupo. Dessa forma, numa sociedade tão plural e estratificada como a brasileira, existirão diversas normas linguísticas. Cada norma será caracterizada pelos aspectos sociais e culturais que envolvem determinado grupo articulados com as formas linguísticas.

Nessa perspectiva, a parcela da população que tem mais contato com a cultura escrita apresentará uma norma linguística peculiar, ou seja, formas linguísticas que caracterizam este grupo social, tanto nas situações formais de fala quanto na escrita. Para denominar os fatos linguísticos que este grupo mais diretamente relacionado às atividades da escrita utiliza em situações formais de fala e na escrita, costuma-se, então, utilizar a expressão *norma culta*, não podendo ser confundida com *norma-padrão*. A cultura escrita juntamente com o poder social acabou desencadeando, ao longo da história, um processo fortemente unificador, que tem por objetivo uma relativa estabilização da língua, tentando neutralizar a variação e controlar as mudanças linguísticas. Ao resultado desse processo, que é a norma estabilizada, costuma-se denominar *norma-padrão* ou *língua-padrão* (FARACO, 2004).

Para Bagno (2007), temos, nas sociedades complexas e letradas, uma realidade linguística composta por dois grandes pólos: (1) a variação linguística, que é “a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade” e (2) a norma-padrão, “produto cultural, modelo artificial de língua criado justamente para tentar “neutralizar” os efeitos da variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes” (p. 38). O autor ainda afirma que, entre esses dois pólos, há uma zona intermediária, na qual a norma-padrão exerce influência sobre a variação linguística e a variação linguística exerce influência sobre a norma-padrão. Sendo assim, mesmo reconhecendo que a norma-padrão é uma “língua” artificial, não podemos deixar de reconhecer que ela existe – mesmo que apenas no nível da ideologia –, faz parte da vida social e precisa ser considerada em toda investigação sobre língua e sociedade.

O trabalho aqui apresentado trata-se de uma investigação sobre língua e sociedade, já que tem como objetivo analisar a fala utilizada no ambiente do telejornalismo, mais especificamente, a fala de repórteres e de apresentadoras de telejornal nativas de Belém/PA e de Recife/PE que trabalham em telejornais locais. A discussão sobre norma e variação é muito válida nesse sentido, pois partimos da ideia de que há uma norma linguística dentro do ambiente telejornalístico que visa neutralizar as variações regionais, priorizando o uso de uma variedade de prestígio. Tal variedade parece se assemelhar às variedades faladas no eixo Rio-São Paulo, onde estão localizadas as grandes emissoras de televisão do Brasil. Sendo assim, os telejornalistas que não são nativos do Rio de Janeiro ou São Paulo tendem a neutralizar as características próprias de seu dialeto, visando contemplar as variedades desses lugares.

Em nossa investigação, analisamos as falas de repórteres e apresentadoras de telejornal nativas da capital paraense e da capital pernambucana a fim de verificar se há a neutralização de traços regionais, de modo a contemplar a norma telejornalística de prestígio, que acreditamos ser a utilizada no eixo Rio-São Paulo. Verificamos a ocorrência de alguns traços típicos da variedade falada em Belém/PA e da variedade de Recife/PE nas falas das repórteres e apresentadoras de telejornal, se tais traços são apagados e com que frequência isso acontece. Na

seção a seguir, aprofundaremos mais a discussão sobre a presença de variedades regionais na fala telejornalística.

2 A presença de variedades regionais no telejornalismo

Para tratarmos da presença de variedades regionais na fala telejornalística, apresentamos as contribuições feitas pelo trabalho de Lopes et al (2013). O estudo, realizado com o intuito de trazer evidências para a prática fonoaudiológica, teve por objetivo analisar as preferências e atitudes dos ouvintes quanto ao sotaque regional e ao suavizado no telejornalismo.

No trabalho de Lopes et al (2013), os pesquisadores gravaram três telejornalistas nativas de João Pessoa/PB, utilizando frases-veículo e um texto-padrão nas situações de sotaque regional e suavizado. As gravações foram apresentadas a 105 juízes paraibanos, que escutaram os pares de palavras e responderam se percebiam diferenças entre o sotaque regional e suavizado e qual tipo de pronúncia que preferiam para a fala de apresentadores de telejornal. Depois, escutaram as frases e julgaram sete atributos para as condições de sotaque regional e suavizado, utilizando uma escala de diferencial semântico.

Antes de mostrarem os resultados de sua pesquisa, Lopes et al (2013) apresentam informações relevantes acerca da presença de características regionais (o sotaque) na fala telejornalística, o que, posteriormente, auxilia a compreensão das conclusões alcançadas em seu estudo. Para os autores, mesmo que a forma de expressão na televisão tenha mudado nos últimos anos, ainda há uma tradição no trabalho de suavização do sotaque, tanto em termos segmentais quanto suprasegmentais, quando se trata do aperfeiçoamento da comunicação do telejornalista. Segundo os pesquisadores:

Baseados, muitas vezes, no modelo de comunicação a partir da Teoria da Informação, o sotaque era considerado um ruído na comunicação. Acreditava-se que o ruído intervinha durante todo o percurso da informação, diminuindo a eficiência comunicativa. Desse modo, essa era uma necessidade urgente: eliminar as características regionais de fala, buscando um padrão de pronúncia uniforme em nível nacional, impedindo que o telespectador desviasse a sua atenção da notícia (conteúdo) para a “forma” de falar do repórter (LOPES et al, 2013, p. 476)

Por este motivo, além de outros fatores, a suavização do sotaque ainda é considerada uma forma de ascensão na carreira de telejornalistas, tanto de repórteres como de apresentadores de telejornal. Isso encontra fundamento no período histórico do surgimento do telejornalismo no país e na valorização de determinadas variantes linguísticas como instrumento de poder e ascensão social.

Os resultados encontrados por Lopes et al (2013) mostram que os ouvintes preferem e atribuem valores positivos à fala com sotaque suavizado para o telejornalista. Para os autores, a exposição do ouvinte, ao longo dos anos, ao padrão que foi construído para a fala telejornalística fez com que fosse criada a expectativa de ouvir um sotaque suavizado na fala dos profissionais. Segundo os pesquisadores, o julgamento dos ouvintes pode ser encarado como motivo para a suavização do sotaque no trabalho de aprimoramento da comunicação realizado com jornalistas.

A seguir, abordamos as variedades faladas em Belém e em Recife, de modo a apresentá-las, para que, posteriormente, seja possível analisar a fala das repórteres e apresentadoras selecionadas para o estudo e verificar se ocorre ou não a neutralização de traços regionais.

3 A variedade falada em Belém/PA

Dentro da divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953), a variedade paraense e, por conseguinte, a de Belém, pertence ao falar Amazônico. Na divisão proposta por Noll (2008), tal variedade está incluída no grupo setentrional. Ainda não há um estudo que reúna e trate de todas as marcas dialetais da variedade falada em Belém, mas há estudos que tratam de suas principais características, separadamente. A seguir, serão apresentados alguns destes estudos.

Um estudo pioneiro acerca do dialeto falado em Belém é a tese de doutorado de Nina (1991). Neste trabalho, a autora descreve e analisa o comportamento das vogais médias em posição pretônica na fala de moradores da área metropolitana de Belém/PA sob o viés da Sociolinguística Variacionista. Desse modo, a autora verificou os ambientes condicionadores da regra variável de alteamento e de abaixamento.

Por meio de registro informal na coleta de dados, Nina (1991) formou um *corpus* de 30 gravações de informantes nativos da capital paraense. Os falantes foram estratificados em escolaridade, faixa etária, sexo e zona geográfica de residência.

A autora utilizou o programa computacional VARBRUL para tratar estatisticamente os dados, considerando como variável dependente as vogais /o/ e /e/ em posição pretônica interconsonântica e, como variáveis independentes, os seguintes grupos de fatores estruturais: natureza da vogal seguinte, qualidade da vogal candidata, natureza das consoantes adjacentes, travamento silábico, posição da vogal candidata em relação à acentuada do contexto. Além dos fatores de ordem linguística, foram considerados os seguintes grupos de fatores sociais: escolaridade, idade, sexo e zona geográfica de residência.

Os resultados da pesquisa de Nina (1991) mostraram uma propensão para a manutenção da pronúncia das vogais médias, o que a faz considerar que há um equilíbrio entre manutenção, alteamento e abaixamento. Os falantes de sua pesquisa mostraram-se mais inclinados à regra de abaixamento do que à de alteamento, baseando-se nos *inputs* de .29 para o alteamento de /o/ e .36 para o abaixamento. Na análise de /e/, o *input* corresponde a .22 para o alteamento e .34 para o abaixamento. Estes resultados levam a autora a concluir que o alteamento é mais frequente na vogal recuada /o/ do que na vogal não recuada /e/. Nina (1991) verificou, também, que o abaixamento e o alteamento são condicionados, respectivamente, pela presença de vogais baixas e altas, sendo a vogal da sílaba seguinte a principal favorecedora dos processos.

No estudo de Sousa (2010) sobre as vogais médias pretônicas de Belém, mais atual, verifica-se a preferência pela manutenção, assim como constatou Nina (1991), havendo, entretanto, uma larga distância para as ocorrências de alteamento e abaixamento, este ficando em último lugar de preferência, diferentemente do estudo de 1991. Mesmo assim, o abaixamento ocorre e está fortemente relacionado à presença de vogal aberta na palavra. O estudo de Fagundes (2015) confirma tal consideração. A autora conclui que, no dialeto falado em Belém, um dos fatores favorecedores do abaixamento é a presença das vogais abertas /a,ɔ,ɛ/ em posição tônica, configurando o processo de harmonia vocálica.

Outro estudo que trata de uma importante marca dialetal na fala de Belém é o de Carvalho (2000), que investigou o /s/ pós-vocálico dos falantes da capital paraense. A autora, a partir dos pressupostos da Teoria da Variação Laboviana, trabalhou com quatro variantes: as alveolares [s, z], as palatais [ʃ, ʒ], a glotal [h] e o zero fonético [∅], tendo como objetivo analisar quantitativamente a frequência em que ocorrem as variantes e a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos para o uso das mesmas. Para tal, tratou estatisticamente os dados com o programa VARBRUL.

Em seus resultados, Carvalho (2000) verifica que, de acordo com a frequência global das quatro variantes do /s/ pós-vocálico, as ocorrências das palatais são as mais frequentes,

apresentando o percentual de 69%, seguidas pelas alveolares com 23%, sendo essas duas variantes as mais frequentes. Já as formas menos frequentes são a variante glotal e o zero fonético com, respectivamente, 3% e 5%. Sendo assim, em suas conclusões, a autora afirma que “no falar amazônico, representado pela fala de informantes belenenses, há um uso maciço das palatais, porém temos também nesse falar a presença de outras três variantes as alveolares, a glotal e o zero, em proporções menores” (CARVALHO, 2000, p.107).

É relevante, também, observar a ocorrência do /r/ pós-vocálico na fala de Belém. Até a construção do presente artigo, não foi encontrado um estudo que avaliasse tal ocorrência na fala, exclusivamente, da capital paraense. Todavia, Ribeiro (2011) exhibe em seu trabalho resultados do Projeto Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA) sobre o /r/ pós-vocálico investigado na fala de 10 localidades urbanas no estado do Pará com a inclusão da capital, Belém. Para a pesquisa do ALISPA, foi utilizado o questionário QFF com 157 perguntas, tendo sido aplicado a quatro sujeitos de cada localidade, gerando um total de 40 sujeitos investigados, os quais foram divididos em dois grupos etários: de 18 a 30 anos e de 40 a 70 anos, de ambos os sexos, com nível de escolaridade até o 1º grau completo.

O /r/ pós-vocálico foi retratado em quatro cartas fonéticas, com a adição de mais uma carta que se refere ao /r/ em grupo consonântico (“braguilha”, carta 87). As quatro cartas referem-se às palavras “pernambucano” (carta 27), “torneira” (carta 81), “perguntar” (carta 110) e “fervendo” (carta 136). Os resultados da pesquisa, no que diz respeito ao /r/ pós-vocálico, apontam que há a predominância, em quase todo o estado, da variante fricativa glotal. A vibrante múltipla e o tepe alveolar ocorrem com baixíssima frequência.

4 A variedade falada em Recife/PE

De acordo com a divisão de Antenor Nascentes (1953), a variedade falada em Pernambuco pertence ao falar nordestino e, na divisão modificada por Noll (2008), está incluso no Grupo Setentrional. Marroquim (1934) cita em seu livro *A língua do Nordeste. Alagoas e Pernambuco* algumas das características do dialeto de Pernambuco: “pronúncia de todas as vogais (inclusive átonas mediais e finais), pronúncia aberta de “é” e “ó” em posição pretônica e mudança da oclusiva /g/ para a fricativa /z/”. A pronúncia aberta das vogais pretônicas na região Nordeste do Brasil tem sido objeto de muitos estudos, como o de Callou e Leite (2005). As autoras, ao analisarem dados do projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta), encontraram 60% de abertura de vogais pretônicas em Salvador e 47% em Recife.

Um dos traços característicos da variedade falada em Pernambuco, mais precisamente da cidade de Recife, que vem sendo estudado em pesquisas relacionadas ao tema, é realização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal /i/.

Segundo Mota (2008), as oclusivas alveolares diante de /i/ se comportam de maneira variada nas capitais da região Nordeste, realizando-se como africadas ou oclusivas. Uma das capitais analisadas pela autora, que usou o banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), é Recife. A autora verificou que 19% dos sujeitos analisados realizaram as oclusivas alveolares como africadas. Outras capitais que também apresentaram índices baixos de africacão são Aracaju, João Pessoa e Maceió.

Outro estudo que analisou a palatalização das oclusivas alveolares diante da vogal /i/ em diversas localidades brasileiras, incluindo Recife, foi o de Abaurre e Pagotto (2002), tendo constatado que a localização geográfica é um forte indício de distribuição da variante. A realização da africada [tʃ] ocorreu em 100% dos dados em cidades como o Rio de Janeiro e 85% em Salvador. A cidade com menor ocorrência da africada foi Recife, com 7%. Os autores relatam que a distribuição dessa variável mostra que não há separação do Brasil em duas regiões

em termos de divisão dialetal (pelo menos para essa variável) visto que os resultados de Salvador são muito próximos dos resultados do Rio de Janeiro, assim como Recife apresenta resultados próximos dos de Porto Alegre (40% de ocorrência de africadas). De acordo com os autores, para a variável estudada, não se pode pensar em um espalhamento geográfico por regiões limítrofes. A hipótese é que a tendência à palatalização se instalou primeiramente no Rio de Janeiro e em Salvador. Foram encontradas, também, correlações quanto à idade, sendo que a terceira faixa etária analisada (acima de 56 anos) tem o menor percentual de palatalização (ABAURRE e PAGOTTO, 2002).

5 Metodologia

Foram analisadas amostras de fala de três repórteres de três emissoras de televisão da cidade de Belém/PA e de três apresentadoras de telejornal e duas repórteres, também, de três emissoras da cidade de Recife/PE. As amostras de fala das repórteres nativas de Belém foram obtidas por meio de *link* (entrada ao vivo da repórter durante o telejornal) e reportagens. Já as amostras de fala das apresentadoras nativas de Recife contêm chamada de matérias, que também é conhecida como *cabeça*, *links* e perguntas a entrevistados; e as amostras das repórteres recifenses são de três situações: entrevista ao vivo com um convidado, *link* e reportagem.

Primeiramente, as amostras de fala foram transcritas e, depois, houve a identificação das características dialetais da fala de Belém/PA e de Recife/PE, selecionadas para o presente estudo, a fim de verificar se houve ou não neutralização destas características.

5.1 Transcrição das amostras de fala de Belém

Para cada jornalista, há a análise de três amostras de fala, em diferentes situações. A primeira repórter (RB1) é da TV Liberal, afiliada da TV Globo em Belém. As amostras de sua fala consistem em um *link* seguido de uma reportagem e mais outras duas reportagens tradicionais. O *link* seguido de reportagem trata dos festejos feitos para comemorar o aniversário de Belém, que aconteceu em 12 de janeiro de 2019, a segunda reportagem trata do mau destino dado ao lixo em uma rua de Belém e a terceira trata sobre doação de sangue. No total, as amostras de fala desta repórter contêm 647 palavras.

Esta é a maior amostra devido à facilidade de acesso aos vídeos com as reportagens no site da emissora (G1 Pará). As duas outras repórteres apresentam amostras de fala menores, pois não há a disponibilidade dos vídeos nos sites de suas emissoras, de modo que estes foram obtidos por plataformas como o *Youtube*.

A segunda repórter (RB2) é da TV Record Belém. As três amostras de sua fala foram obtidas de três reportagens. A primeira reportagem relata um golpe aplicado em uma agência bancária de Belém, a segunda trata de um festival de *surf* e a terceira é sobre assaltos a ônibus na capital paraense. No total, as amostras contêm 268 palavras.

Por fim, a terceira repórter (RB3) é da TV SBT Belém. Suas três amostras de fala são oriundas de três reportagens. A primeira reportagem aborda um tema relacionado à sustentabilidade e meio ambiente, a segunda é sobre uma campanha para combater o câncer de próstata e a terceira mostra um encontro ocorrido em Belém para festejar os 500 anos da reforma protestante. O total de palavras contidas nessas amostras é de 279.

5.2 Transcrição das amostras de fala de Recife

A primeira amostra de fala analisada foi obtida de uma edição completa do telejornal Bom Dia Pernambuco, da Globo Nordeste, afiliada da TV Globo. Essa edição repercutiu os resultados das

eleições de 2012 para prefeito, que ocorreram no dia anterior em todo o Brasil. Todas as falas da apresentadora (TJ1) foram transcritas, e o material contém as *cabeças*, *offs* (texto gravado previamente pelo repórter, que é veiculado durante a exibição da reportagem) e perguntas a repórteres e entrevistados. A amostra de fala contém 1176 palavras.

A segunda amostra de fala analisada também foi obtida de uma edição completa do telejornal PE no Ar, da TV Clube, afiliada da Rede Record. Nessa edição do telejornal, foram apresentadas reportagens sobre fatos ocorridos na região da cidade de Recife. Todas as falas da apresentadora (TJ2) foram transcritas e o material contém as cabeças das matérias, perguntas a repórteres e a entrevistados. A amostra de fala contém 1343 palavras.

A terceira amostra de fala analisada é do telejornal TV Jornal Mais, que vai ao ar pela emissora SBT, diariamente. Diferente dos telejornais citados acima, o TV Jornal Mais é apresentado por uma dupla de jornalistas (um homem e uma mulher) e, por isso, o volume de dados obtidos da fala da jornalista em cada edição é menor (as locuções são divididas entre os dois apresentadores). Assim, as amostras de fala coletadas da jornalista (TJ3) do TV Jornal Mais pertencem a mais de uma edição do telejornal. As amostras coletadas contêm as cabeças das matérias, perguntas a entrevistados e comentários sobre as notícias veiculadas e o total de palavras da amostra é de 1415 palavras.

Por fim, duas repórteres também tiveram suas falas analisadas. A primeira repórter (RP1) é da TV Globo e as amostras de fala analisadas são de uma entrevista ao vivo (RP1 a) com o prefeito eleito na cidade do Recife, que também conta com a participação da TJ1 e uma reportagem tradicional (RP1 b). O total de palavras analisadas na amostra foi de 672 palavras. As amostras de fala (282 palavras) da segunda repórter (RP2), que é da TV Record, são de um *link* em que ela comenta notícias do dia com a apresentadora do telejornal.

5.3 Traços analisados

Os traços segmentais analisados para a fala de Belém/PA são:

- a) Realização do /s/ pós-vocálico;
- b) Abaixamento das vogais médias pretônicas diante da presença de vogais abertas na tônica ou sílaba seguinte;
- c) Realização do /r/ pós-vocálico medial¹.

Já os traços segmentais analisados para a fala de Recife/PE são:

- a) Realização de oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal alta /i/: foram analisados dois contextos: contextos em que houve elevação vocálica /e/ -> [i] ou contextos em que a vogal fonológica é originalmente /i/.
- b) Abertura das vogais médias pretônicas;
- c) Realização do /r/ pós-vocálico.

6 Resultados e discussão

Os resultados, a seguir, são apresentados de acordo com cada traço analisado. Primeiramente, analisamos a fala das jornalistas de Belém/PA e, depois, a fala das jornalistas de Recife/PE.

¹ A decisão de analisar a posição medial em Belém e a posição final em Recife foi tomada a partir de uma observação do *corpus*. Em Belém, a variante na posição medial se mostrou mais suscetível a descobertas, pois, na posição final, ela, muitas vezes, era apagada. Já em Recife, a variante se realizou de uma forma não esperada para o dialeto em questão na posição final, por isso, ela foi considerada em qualquer contexto.

6.1 Resultados obtidos a partir da análise da fala de Belém/PA

Vejamos os resultados encontrados a partir dos traços selecionados para a análise da fala da capital paraense.

6.1.1 Realização do /s/ pós-vocálico

A tabela 1 apresenta a frequência de ocorrência dos /s/ pós-vocálicos nas amostras de fala e a quantidade de sibilantes que foram realizadas como alveolares considerando o total de ocorrências encontradas:

Tabela 1: Frequência de alveolares encontradas nas amostras de fala para os sujeitos estudados de Belém.

	Alveolares (N%)	Total
RB1	80 (100%)	80
RB2	10 (23%)	43
RB3	12 (28%)	42

Os resultados mostram que a ocorrência do /s/ pós-vocálico realizado como alveolar ocorre na fala de todas as repórteres analisadas. Na primeira repórter, RB1, ocorre em 100% dos casos. Vejamos um exemplo da fala dessa repórter no qual há três ocorrências:

Exemplo 1: “*Integrante[s]* da Assembleia de *Deu[s]* se reuniram para um abraço simbólico, um *ge[s]to* de carinho pela nossa cidade”.

O que percebemos na fala das outras duas repórteres, RB2 e RB3, é que elas iniciam alguns trechos de suas reportagens utilizando a forma [s] alveolar, mas, no decorrer de suas falas, deixam a neutralização do dialeto de lado e voltam a utilizar a forma palatal [ʃ], que é característica predominante no dialeto de Belém. Os exemplos a seguir mostram trechos de suas falas (RB2 e RB3, respectivamente) nos quais isso ocorre:

Exemplo 2: “No dia seguinte, a *golpi[s]ta* voltou até *e[s]ta* agência e sacou *mai[s]* dinheiro. No total, cerca de trê[ʃ] mil reali[ʃ]”.

Exemplo 3: “*E[s]ta* é a primeira vez que Belém recebe *e[s]ta* conferência. A *e[s]pectativa* da coordenação é de que pelo *meno[ʃ]* mil *pessoa[ʃ]* participem *de[ʃ]te[ʃ]* *doi[ʃ]* *dia[ʃ]* de evento”.

No exemplo 2, as palavras “três” e “reais”, assim como as palavras “menos”, “pessoas”, “destes”, “dois” e “dias” no exemplo 3, poderiam ser pronunciadas com a forma [s]. Todavia, as repórteres não mantiveram o uso da forma alveolar como fizeram anteriormente.

6.1.2 Abaixamento das vogais médias pretônicas diante da presença de vogais abertas na tônica ou na sílaba seguinte

Como vimos anteriormente, a manutenção das vogais médias pretônicas fechadas é a forma preferida por falantes belenenses. Todavia, a presença do abaixamento é evidente, sendo condicionado fortemente pela presença de vogais médias abertas na tônica ou na sílaba seguinte. A seguir, apresentamos a tabela com o número de vogais médias que foram realizadas como fechadas em contextos que favorecem o abaixamento no dialeto de Belém, isto é, quando a tônica ou vogal da sílaba seguinte é aberta.

Tabela 2: Frequência de vogais médias pretônicas fechadas diante de vogais abertas na tônica ou sílaba seguinte encontradas nas amostras de fala para os sujeitos estudados de Belém.

	Vogais fechadas (N%)	Total
RB1	15 (75%)	20
RB2	3 (75%)	4
RB3	2 (40%)	5

Por se tratar de um contexto muito específico, não foram encontradas muitas ocorrências nas amostras estudadas, por isso, os números da tabela são reduzidos. Contudo, é possível verificar que há a presença de vogais fechadas mesmo com vogais abertas na tônica ou sílaba seguinte na fala de todas as repórteres, como serão mostrados nos trechos a seguir.

Na fala de RB1 e RB2 a resistência ao abaixamento em um contexto fônico que o favorece é encontrada em quase 100% das ocorrências. Vejamos trechos das falas dessas repórteres nos quais isso ocorre (RB1 e RB2, respectivamente):

Exemplo 4: “E hoje de manhã também teve *pr[o]gramação* especial em homenagem ao aniversário de *B[e]lém*”.

Exemplo 5: “A golpista acompanha a *ap[o]sentada* até os caixas eletrônicos.”

Já na fala de RB3, a presença de vogais fechadas é menor, predominando a ocorrência de vogais abertas. A repórter utiliza a vogal fechada nas duas vezes em que fala o nome da cidade:

Exemplo 6: “*Pela primeira vez em B[e]lém...*”

6.1.3 Realização do /r/ pós-vocálico medial

Nas amostras de fala das repórteres, também foi observada a ocorrência do /r/ pós-vocálico na posição medial da palavra. Conforme a pesquisa feita dentro do projeto ALISPA, há a predominância da realização do /r/ pós-vocálico como a fricativa glotal [h] em quase todo o estado do Pará. Vejamos como ocorreu a realização do /r/ pós-vocálico em posição medial na fala das repórteres:

Tabela 3: Frequência de produção do /r/ pós-vocálico medial como fricativa glotal encontrada nas amostras de fala para os sujeitos estudados de Belém.

	Fricativas glotais (N%)	Total
RB1	23 (100%)	23
RB2	9 (100%)	9
RB3	8 (100%)	8

De acordo a tabela acima, os resultados obtidos vão ao encontro do que é esperado para a variedade do português paraense e, por conseguinte, o de Belém. As três repórteres realizam o /r/ pós-vocálico medial como a fricativa glotal [h] em todas as ocorrências. A seguir, podemos ver os exemplos 6, 7, e 8 das falas das repórteres RB1, RB2 e RB3, respectivamente:

Exemplo 6: Boa *ta[h]de* pra você. Hoje à noite vai ter show aqui no *Po[h]tal* da Amazônia.

Exemplo 7: Eu vou *conve[h]sar* aqui com o *Edua[h]do*.

Exemplo 8: Isso *po[h]que*, no dia a dia, o que a gente *pe[h]cebe* é que as pessoas ainda não entendem direito o significado e a *impo[h]tância* desses temas.

6.2 Resultados obtidos a partir da análise da fala de Recife/PE

A seguir, analisamos a fala das jornalistas de Recife/PE, de acordo com cada traço selecionado para análise.

6.2.1 Realização de oclusivas alveolares diante de /i/

A tabela 4 apresenta a frequência de ocorrência das oclusivas alveolares diante de /i/ nas amostras de fala e a quantidade de oclusivas alveolares que foram realizadas como africadas considerando o total de ocorrências encontradas.

Tabela 4: Frequência de africadas encontradas nas amostras de fala para os sujeitos estudados de Recife.

	Africadas (N%)	Total
TJ1	110 (97%)	112
TJ2	174 (98%)	177
TJ3	192 (97%)	196
RP1 a	33 (80%)	41
RP1 b	11 (100%)	11
RP2	34 (100%)	34

Tabela 5: Africadas palatais surdas e sonoras encontradas nas amostras de fala para os sujeitos estudados de Recife.

	/i/			
	/t/		/d/	
	Africadas (N%)	Total	Africadas (N%)	Total
TJ1	44 (97%)	45	66 (98%)	67
TJ2	59 (96%)	61	115 (99%)	116
TJ3	61 (96%)	63	131 (98%)	133
RP1 a	9 (75%)	12	24 (82%)	29
RP1 b	2 (100%)	2	9 (100%)	9
RP2	8 (100%)	8	26 (100%)	26

Os resultados mostram que a realização de oclusivas alveolares diante de /i/ como africadas é uma característica recorrente na fala dos telejornalistas da cidade do Recife. Nas poucas vezes em que houve a produção da oclusiva alveolar diante da vogal estudada, não houve grande diferença em relação ao contexto antecedente à vogal, sendo que nos casos encontrados, cinco ocorreram com a oclusiva surda /t/ e quatro casos com a oclusiva sonora /d/.

As oclusivas alveolares diante de /i/ foram realizadas quase em sua totalidade como africadas, sendo que o sujeito que menos produziu as oclusivas alveolares como africadas, o fez em 80% das possibilidades.

Como mencionado anteriormente, a realização de africadas é pouco comum na cidade do Recife (Pagotto e Abaurre, 2002; Mota, 2008), porém as africadas podem ser encontradas, como aconteceu no trabalho de Mota (2008), em que 19% dos sujeitos analisados realizavam oclusivas alveolares como africadas.

É interessante observar que no sujeito TJ1 as únicas ocorrências de oclusivas alveolares que não foram realizadas como africadas foram na palavra *diretamente* na oclusiva sonora /d/ e na surda /t/. O trecho transcrito (exemplo 1) em que a oclusiva alveolar é realizada é o seguinte:

Exemplo 1: “Agora B. o que é que G. vai fazer antes de todos esses compromissos políticos, antes de tomar posse? Aproveito, fazendo logo [d]iretamente essa pergunta pra ele”.

No trecho acima, no momento em que a apresentadora passa a utilizar a fala espontânea e muda de interlocutor (falava com a repórter e vai passar a falar com o prefeito eleito) não há ocorrência da africada. Porém, em outra situação, que acontece um bloco após a situação citada acima, a telejornalista repete a mesma palavra, dessa vez, como as africadas [tʃ] e [dʒ]:

Exemplo 2: “B. eu vou logo [dz]iretamen[t]e pra o prefeito eleito”.

O sujeito TJ2 apresentou comportamento similar de TJ1 e somente três vezes as oclusivas alveolares não foram realizadas como africadas. As ocorrências foram na palavra *gente* por duas vezes e na preposição *de*. Nas três ocorrências de oclusivas alveolares, a apresentadora interagiu com uma repórter e em outro momento com um entrevistado, caracterizando um trecho de fala espontânea, como nos seguintes exemplos:

Exemplo 3: “Então quem está indo trabalhar naquela área tá tendo problemas né, a *gen[t]e* vê aqui no caminho pra Boa Viagem tá ruim...”.

Exemplo 4: “Ok delegado. Agora hoje pela manhã o senhor deve apresentar, vamos falar [d]e um outro caso que o senhor deve apresentar hoje”.

O sujeito TJ3 não diferiu dos outros sujeitos analisados em relação à grande ocorrência de africadas encontrada nas amostras de fala. Foram observados apenas quatro casos de realização de oclusiva alveolar diante da vogal /i/ e, das quatro ocorrências, três aconteceram em uma mesma sentença (exemplo 5), quando a telejornalista expressava sua opinião diante de um assunto que tinha sido abordado em uma reportagem. Durante a produção desse enunciado, fica claro que a apresentadora não estava lendo o teleprompter e, sim, dando uma opinião própria sobre o assunto e interagindo com o outro apresentador, o que pode ter permitido o uso de uma fala com os traços mais naturais possíveis do dialeto.

Exemplo 5: “Pra ficar em casa carregada... Só pra quem tem *por[t]e*, quem sabe manusear. Talvez se essa arma não [t]ivesse em casa essa tragédia poderia ter sido evitada. É *verda[d]e*”.

Dois repórteres também tiveram suas falas estudadas e a amostra de fala de uma delas (RP1) foi obtida em dois momentos distintos: entrevista ao vivo e *off*. É interessante observar que as duas situações diferiram quanto à realização das oclusivas alveolares diante de /i/. Na entrevista ao vivo, RP1 foi o sujeito que menos realizou palatalização visto que foram obtidas nove ocorrências de oclusivas alveolares não palatalizadas (exemplo 6). Na situação de *off* (é preciso levar em conta que a ocorrência total de oclusivas foi bem menor no trecho de *off* que no trecho ao vivo), 100% das oclusivas foram realizadas como africadas.

Exemplo 6: “... A qualidade desse atendimento, chegar a esta unidade de *saiú[dz]e* e saber que vai ter um médico...”.

No exemplo 6, a africacão ocorre na palavra em itálico. No trecho, a repórter conversa com o prefeito eleito da cidade do Recife sobre os futuros planos para a cidade e fala sobre as necessidades do povo no que diz respeito à saúde, caracterizando um trecho de fala espontânea que pode reduzir um possível monitoramento dos traços dialetais utilizados, visto que, nesse caso, a repórter está mais preocupada com o conteúdo da mensagem que está sendo dita.

Uma situação diferente aconteceu com RP2, que teve sua fala analisada em um *link* que foi ao ar por três vezes durante todo o telejornal para comentar diversos assuntos. Em 100% das ocorrências, RP2 realizou as oclusivas alveolares como africadas.

6.2.2 Abertura das vogais médias pretônicas

Uma característica típica do dialeto de Recife bem como da região Nordeste do Brasil é a abertura das vogais /e/ e /o/ quando em posição pretônica. As tabelas abaixo apresentam os resultados obtidos para esse traço para cada vogal analisada e mostram a quantidade de vogais abertas encontradas em relação às ocorrências encontradas nas amostras de fala.

Tabela 6: Frequência de abertura de vogais /e/ pretônicas obtidas para as amostras de fala dos sujeitos estudados de Recife.

/e/		
	Abertas (N%)	Total
TJ1	2 (1,5%)	131
TJ2	10 (12,9%)	77
TJ3	3 (3,4%)	88
RP1 a	15 (45%)	33
RP1 b	4 (50%)	8
RP2	1 (4,34%)	23

Tabela 7: Frequência de abertura de vogais /o/ pretônicas obtidas para as amostras de fala dos sujeitos estudados de Recife.

/o/		
	Abertas (N%)	Total
TJ1	1 (2,7%)	36
TJ2	19 (29,6%)	64
TJ3	3 (5,5%)	54
RP1 a	3 (50%)	6
RP1 b	2 (28%)	7
RP2	2 (20%)	10

A realização aberta das vogais médias pretônicas serviu de base para Nascentes (1953) delimitar os falares do Norte e os falares do Sul. Para Nascentes, os falares do Norte, que inclui Recife, são aqueles que realizam as vogais pretônicas abertas. Callou et al (1995) relatam que a pronúncia das vogais pretônicas varia não só regionalmente, mas, também, dentro de um mesmo dialeto. Em trabalho posterior, Callou e Leite (2005) estudaram a frequência de abertura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na variedade de Pernambuco e encontrou um percentual de 47% de vogais abertas. Além disso, os resultados apresentados pelas autoras mostram que, em relação às falas de homens e mulheres da cidade do Recife, não há diferença entre o percentual de aplicação da regra de abaixamento das vogais (abertura das vogais pretônicas). A distribuição dos resultados por faixa etária mostrou que, em Recife, é a população mais velha (acima de 56 anos) que utiliza com mais frequência a abertura das vogais pretônicas.

Todos os sujeitos estudados na presente pesquisa encontram-se abaixo da faixa dos 56 anos, e podemos supor que esse fator também pode ter contribuído para que encontrássemos em nosso estudo um percentual menor de abertura de vogais pretônicas para a população estudada.

Entre as cinco jornalistas que tiveram suas amostras de fala estudadas, a que apresentou maior percentual de abertura de vogais pretônicas /e/ e /o/ foi RP1, que apresentou 50% das vogais /o/ encontradas em posição pretônicas com abertura, em uma entrada ao vivo durante o telejornal. O percentual encontrado para a RP1 é o que mais se aproxima da frequência apontada por Callou e Leite (2005).

Ao observarmos somente a amostra de fala das apresentadoras dos telejornais, os sujeitos TJ1 e TJ3 comportaram-se de maneira parecida em relação à pouca frequência de abertura das vogais enquanto TJ2 apresentou um comportamento diferente das outras duas, com maior frequência de abertura das vogais.

O sujeito TJ1 apresentou três ocorrências de abertura de vogais pretônicas: duas vezes com a vogal /e/ na palavra “repórter” e uma vez com a vogal /o/ no nome “Cauvolia”. O sujeito

TJ1 pronunciou a palavra “repórter” quatro vezes no trecho analisado e em duas dessas ocorrências houve a abertura da vogal pretônica. Nas duas ocorrências de abertura da vogal pretônica em “repórter”, TJ1 estava chamando um repórter para entrar ao vivo no telejornal para comentar as notícias do dia.

Na amostra de fala de TJ3 foram encontradas seis ocorrências de vogais pretônicas abertas: três com a vogal /e/ e três com a vogal /o/. No exemplo 7, abaixo, a abertura da vogal pretônica aconteceu em “governador”: [govɛhna'doh]. Nesse trecho, TJ3 está comentando uma notícia veiculada anteriormente.

Exemplo 7: “Impressionante ontem com a presença do gov[ɛ]rnador e olha só hoje a situação como é que tá aí”.

Os resultados mostraram que a apresentadora TJ2 realizou a abertura das pretônicas mais frequentemente que as outras duas apresentadoras (TJ1 e TJ3): 12,9% das vogais /e/ pretônicas foram realizadas como [ɛ] e 29,6% das vogais /o/ foram realizadas como [ɔ]. Os exemplos 8 e 9 mostram os trechos em que algumas aberturas das vogais aconteceram:

Exemplo 8: “Ok N, muito [ɔ]brigada”.

Exemplo 9: “Como você viu, ele nega o crime, disse que não tinha um r[ɛ]lacionamento amoroso com o médico...”.

O estudo das amostras de fala das repórteres também apresentou diferenças intra-sujeitos. RP1, que teve amostras de fala estudadas em duas situações (entrevista ao vivo e reportagem), apresentou maior ocorrência de abertura de vogais pretônicas que RP2. A repórter RP1 apresentou maior abertura da vogal pretônica /e/ na reportagem (50%) e maior abertura de vogal /o/ na entrevista ao vivo (50%).

6.2.3 Realização do /r/ pós-vocálico

As ocorrências do /r/ em posição pós-vocálica também foram estudadas nas amostras de fala obtidas. Em alguns casos, esperados no português brasileiro, as vibrantes pós-vocálicas foram apagadas em contexto de final de palavra. Os resultados obtidos encontram-se na tabela abaixo.

Tabela 8: Realização do /r/ pós-vocálico para as amostras de fala dos sujeitos estudados de Recife.

/r/ pós-vocálico			
	Fricativa glotal	Fricativa alveolar	Total
TJ1	100	2	102
TJ2	110	-	110
TJ3	105	-	105
RP1 a	70	-	70
RP1 b	9	-	9
RP2	27	-	27

Os resultados obtidos para a realização do /r/ pós-vocálico como fricativa glotal foram ao encontro do esperado para a variedade pernambucana. Em duas situações, o sujeito TJ1 realizou a vibrante de forma anteriorizada, como alveolar (tepe), traço que seria característico de outras regiões do país, que não a região Nordeste. As duas ocorrências são no nome “Júnior”, nas seguintes situações:

Exemplo 10: “Em Paulista, Junio[r] Matuto do PSB venceu com cinquenta e cinco por cento dos votos”.

Exemplo 11: “O segundo colocado nas urnas, *Junio*[r] do PR teve um voto a menos”.

Todos os outros sujeitos estudados realizaram a vibrante como fricativa glotal em todas as situações encontradas.

7 Conclusão

Diante dos resultados encontrados sobre a fala de Belém, a partir das análises do /s/ pós-vocálico, da realização das vogais médias pretônicas diante da presença de vogais abertas na tônica ou na sílaba seguinte e do /r/ pós-vocálico medial nas amostras de fala das três repórteres nativas da capital paraense, é possível afirmar que há tentativas de neutralização de alguns traços característicos da variedade local de forma a atender um padrão telejornalístico, mesmo assim, na maioria das amostras de fala, ainda predominam os traços característicos da variedade belenense.

Em relação ao /s/ pós-vocálico, na fala da primeira repórter, RB1, há a neutralização total da forma que predomina na capital paraense, pois ela utiliza em toda a sua fala a forma alveolar para o /s/ pós-vocálico. Na fala das demais repórteres, RB2 e RB3, há uma tentativa de neutralização do dialeto, já que elas iniciam suas falas com a forma alveolar e depois se permitem utilizar a forma mais característica de seu dialeto, isto é, a forma palatal do /s/ pós-vocálico. Como vimos anteriormente, Carvalho (2000) afirma que há um uso maciço de palatais na fala de Belém, ocorrendo em quase 70% dos dados de sua pesquisa. Há a ocorrência de alveolares em 23% dos casos. Dessa forma, apenas RB1 neutraliza completamente a forma palatal, indicando que a forma alveolar ainda é a preferida, pois predomina nas falas de RB2 e RB3.

O abaixamento das vogais médias pretônicas diante da presença de vogais abertas na tônica ou na sílaba seguinte aparece com menos frequência do que o /s/ pós-vocálico na forma palatal na fala das repórteres. Mesmo com a pouca quantidade de ocorrências de vogais no contexto fônico investigado, podemos concluir que há uma forte tentativa de neutralização. As repórteres RB1 e RB2 são as que mais resistem ao abaixamento em um contexto fônico que o favorece, pois utilizam a forma fechada das médias vogais pretônicas em 75% das ocorrências. Na fala de RB3 ainda prevalece o abaixamento das vogais, sendo realizadas como abertas.

O último traço observado foi o /r/ pós-vocálico medial. Este traço não sofre tentativa de neutralização na fala das repórteres. Todas elas utilizam a forma glotal, que é a forma preferida na fala da variedade do português paraense, segundo a pesquisa feita dentro do projeto ALISPA. Vale ressaltar, a fricativa glotal não é uma forma desprestigiada, visto que tem muita proximidade com a fricativa velar utilizada pela variedade do português falada no Rio de Janeiro, uma variedade de prestígio e que exerce grande influência na mídia televisiva. Este pode ser um motivo para a não suavização da referida característica dialetal.

Com base em tais considerações, percebemos que há tentativas de neutralização dos traços característicos da variedade falada em Belém nas falas das repórteres analisadas. Todavia, tal suavização do dialeto não é predominante. Dos três traços investigados, em dois predomina o uso das formas características da variedade belenense. A repórter RB1, da TV Liberal (afiliada da TV Globo), é a que mais suaviza os traços em sua fala, enquanto RB2, da TV SBT Belém, e RB3, da TV Record Belém, tendem a preservar o uso dos traços característicos da fala da capital paraense.

Quanto aos resultados acerca da fala de Recife, a análise de todos os traços mostra que as telejornalistas recifenses, assim como as belenenses, parecem preferir a utilização da fricativa glotal como variante do /r/ pós-vocálico, que é um marcador característico do dialeto falado na região. Assim como afirmamos sobre o dialeto de Belém, vale ressaltar que o uso do /r/ pós-

vocálico medial como fricativa glotal também é um traço característico de outras regiões dialetais, sendo bem próxima da fricativa velar típica do dialeto carioca, que tem grande influência e prestígio na mídia televisiva.

A abertura das vogais médias pretônicas, que de fato não é categórica na variedade falada em Pernambuco, aparece na fala dos sujeitos estudados com menor frequência se comparada ao /r/ pós-vocálico. Sua ocorrência parece estar ligada à fala espontânea ou a situações de diálogo. A repórter RP1 apresentou maior frequência de vogais médias pretônicas abertas que as outras jornalistas estudadas. Podemos relacionar a maior ocorrência de abertura das vogais nesse sujeito com a atividade exercida por ela: uma entrevista ao vivo com o prefeito eleito da cidade de Recife (que faz uso de todos os traços característicos do dialeto da região). Durante a entrevista, a repórter não faz apenas perguntas como faz comentários da situação política e econômica da cidade de Recife, o que pode favorecer o uso dos traços mais comuns da variedade, visto que há interação com outro sujeito e não ocorre a leitura de notícias em um *teleprompter*.

O traço dialetal menos preferido pelos sujeitos estudados é o uso das oclusivas alveolares diante da vogal /i/. A porcentagem encontrada para o uso de palatalização ao invés de oclusivas alveolares é alta e pode ser comparada a resultados obtidos por Abaurre e Pagotto (2002) em cidades como o Rio de Janeiro, em que foi encontrado 100% de palatalização e Salvador (85% de palatalização). Em nossos dados, a ocorrência de oclusivas alveolares diante de /i/ foi muito baixa, não chegando a 4% entre as apresentadoras e a 25% entre as duas repórteres. Deve-se levar em consideração que, de acordo com os referidos autores, a palatalização na pronúncia de Pernambuco ocorre mais frequentemente em jovens, fato que poderia justificar, em parte, os achados para este traço.

Novamente, RP1 foi quem menos utilizou palatalização (75% das ocorrências possíveis) e esse fato pode estar ligado à situação de diálogo durante a entrevista, em uma entrada ao vivo durante o telejornal. Na situação de reportagem, RP1 fez uso de palatalização em 100% das ocorrências possíveis, porém, deve ser levado em conta que o total de oclusivas alveolares encontradas na reportagem (11) é bem menor que na entrevista ao vivo (43). A realização das oclusivas alveolares parece estar ligada à fala espontânea e a situações de menos controle da própria fala, como pode ser visto na maioria dos exemplos. Dessa forma, em relação a este traço podemos dizer que a palatalização, que é característica típica de outras variedades, é amplamente utilizada pelas jornalistas de Recife.

Após as análises realizadas podemos concluir que a fala dos telejornalistas recifenses, mesmo trabalhando em jornais locais de Recife, não reflete fielmente o dialeto característico da localidade, sendo que, muitas vezes, traços de outros dialetos que são mais influentes, principalmente na mídia televisiva, ocupam lugar de traços típicos da região.

O fato de alguns traços típicos de determinadas variedades passarem a ser neutralizados ou apagados na mídia televisiva pode ser considerado recorrente. Quando apagados, os traços de outras variedades, que não as do eixo Rio-São Paulo, dão lugar a traços amplamente utilizados nas variedades de prestígio. Podemos citar como exemplo a questão do /r/ caipira, presente no interior do estado de São Paulo. Nesse caso, notamos que os telejornalistas parecem preferir apagar este traço e utilizar o /r/ da variedade utilizada na capital de São Paulo ou no estado do Rio de Janeiro. Na variedade de Belém, o traço neutralizado mais vezes é o /s/ pós-vocálico, que foi realizado como fricativa palatal no lugar de fricativa alveolar, a forma mais utilizada na variedade belenense. No caso da variedade de Recife, os dados mostram que, a população de telejornalistas estudadas prefere apagar as oclusivas alveolares diante de /i/ em favor das africadas (traço comum na variedade do eixo Rio-São Paulo, com exceção de alguns locais do interior de São Paulo).

A realização do /r/ pós-vocálico como fricativa glotal é o traço da variedade falada em Recife mais utilizado pelos jornalistas locais; de modo igual ocorre na variedade de Belém. Convém ressaltar, mais uma vez, que o /r/ pós-vocálico como fricativa glotal é um traço muito disseminado no Brasil inteiro, com exceções de São Paulo (capital e algumas regiões do interior) e de cidades da região Sul do país. Inicialmente, tratamos da questão da pronúncia padrão no Brasil, que foi formalizada com a publicação das *Normas para a pronúncia no canto erudito*, tomando como padrão para o canto e artes da linguagem dali em diante o dialeto carioca. O dialeto carioca tem como característica a pronúncia da vibrante /r/ como fricativa velar, sendo esta forma de realização muito próxima da fricativa glotal, o que pode anular qualquer estigma deste traço, visto que é utilizado amplamente pela pronúncia considerada padrão. Tal fato pode justificar o uso deste traço pelos sujeitos estudados neste trabalho, sem tentativa de suavização (com exceção de duas ocorrências), pois, além de ser próximo do traço característico da variedade prestigiada, também é característico da variedade estudada.

O presente trabalho teve por intuito investigar o comportamento da fala telejornalística utilizada em Belém/PA e Recife/PE, a fim de verificar a ocorrência de neutralização dos traços característicos de cada dialeto. Estimamos, assim, que o referido estudo possa servir de contribuição aos estudos linguísticos, sobretudo aos estudos dialetológicos e sociolinguísticos.

REFERÊNCIAS

1. Abaurre MB, Pagotto E. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: Abaurre, MB, Rodrigues ACS (orgs). *Gramática do Português Falado*. Volume VIII: novos estudos descritivos. Campinas: Unicamp, 2002.p.557-602.
2. Bagno M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
3. Callou et al. *Um problema na fonologia do português: variação das vogais pretônicas*. In: Pereira CC, Pereira PRD. *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.p.59-70.
4. Callou D, Leite Y. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
5. Carvalho RS de. *Variação do /s/ pós-vocálico na fala de Belém*. Belém: UFPA, 2000. (Dissertação de Mestrado em Letras).
6. Fagundes G R. *O abaixamento das vogais médias pretônicas em Belém/PA: um estudo variacionista sobre o dialeto do migrante maranhense frente ao dialeto falado em Belém/PA*. 2015. Belém: UFPA, 2015. (Dissertação de Mestrado em Letras).
7. Faraco CA. Norma Padrão Brasileira. Desembaraçando alguns nós. In: Bagno M. *Linguística da Norma*. 2ª edição. Edições Loyola, 2004.p.37-61.
8. Kayama A. et al. *PB cantado: normas para a pronúncia do português brasileiro no canto erudito*. Opus, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 16-38, dez. 2007.
9. Lopes et al. *Sotaque e telejornalismo: evidências para a prática fonoaudiológica*. CoDAS. Vol. 25, Nº 5. 2013. 475-481.
10. Marroquim A. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 1ª Edição. EDUFAL. 1934.
11. Nina T. *Aspectos da Variação Fonético-Fonológica na fala de Belém*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1991. (Tese de Doutorado em Língua Portuguesa).
12. Nascentes A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
13. Noll V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.
14. Ribeiro CM da R. *O comportamento geolinguístico do (r) posvocálico nos atlas brasileiros publicados*. Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP. Vol. 1, Nº 1. 2011. 4-21.
15. Sousa J. *A Variação das Vogais Médias Pretônicas no Português Falado na Área Urbana do Município de Belém/PA*. Belém: UFPA, 2010. (Dissertação de Mestrado em Letras).